

O ESPELHO DO RELACIONAMENTO

J. KRISHNAMURTI

VIDEO 7 DE 12 DA SÉRIE *ALÉM DO MITO E DA TRADIÇÃO* / PRODUÇÃO DE EVELYN BLAU / DIREÇÃO E EDIÇÃO DE MICHAEL MENDIZZA
FUNDAÇÃO KRISHNAMURTI DA AMÉRICA

EVELYNE BLAU (**EB**)

EB: Desta vez, Krishnamurti aborda a questão do relacionamento. Qual é a nossa parte nesta interação mais profunda com o outro? Olhando profundamente, podemos ver-nos a nós mesmos e as nossas ações de forma clara? Sozinho, no vosso quarto, podeis ser perfeito, mas as coisas tornam-se mais complexas quando a vossa esposa, um amigo, um filho, vizinhos e cidadãos do mundo entram nesse espaço. Em 1985 Krishnamurti disse o seguinte: “Enquanto observais o vosso rosto ao espelho, observais as vossas reações sem qualquer distorção, e isto só pode ser feito em relacionamento com o outro.” Então, o relacionamento torna-se o espelho no qual vos vedes exatamente como sois.

O ESPELHO DO RELACIONAMENTO

J. KRISHNAMURTI

VIDEO 7 DE 12 DA SÉRIE *ALÉM DO MITO E DA TRADIÇÃO* / PRODUÇÃO DE EVELYN BLAU / DIREÇÃO E EDIÇÃO DE MICHAEL MENDIZZA
FUNDAÇÃO KRISHNAMURTI DA AMÉRICA

1982 / OJAI / CALIFORNIA / SEGUNDA PALESTRA PÚBLICA

K: A vida é um movimento em relacionamento. Podeis encontrar-vos na cama, mas cada um de vós está perseguindo uma vida diferente, como duas linhas paralelas que nunca se encontram, e a isto chama-se relacionamento, no qual não há um sentido real de amor. Então, por que motivo os seres humanos, tão inteligentes tecnologicamente, com uma tal extraordinária capacidade e energia, por que motivo os seres humanos não resolveram esta questão e este problema tão essenciais? Podeis meditar, podeis buscar a iluminação, podeis seguir o guru mais recente, ou a expressão mais recente do que quer que seja que estiverdes seguindo, mas se não tiverdes resolvido este problema, todas as vossas realizações espirituais e conquistas tecnológicas não têm valor algum. Porque a nossa vida é relacionamento. De forma similar, se não resolvemos esta questão essencial, básica, do relacionamento, que atualmente nos isola uns dos outros, este isolamento deve inevitavelmente gerar todos os tipos de sofrimento, confusão, ódio, raiva. Assim, é possível ter um relacionamento no qual não haja conflito de qualquer género?

*Relacionamento é o espelho no qual nos vemos como somos.
Toda a vida é movimento em relacionamento.
Mesmo o eremita está relacionado com o passado, com aqueles à sua volta.
Não há fuga do relacionamento.*

J. Krishnamurti

1981 / SAANEN / SUIÇA / QUARTA PALESTRA PÚBLICA

K: Para entender o total significado do relacionamento uns com os outros, não importa quão perto ou longe, devemos começar a pensar, devemos começar a entender por que motivo o cérebro cria imagens – espero que estejamos a entender-nos – por que razão temos imagens sobre nós mesmos e imagens ou retratos sobre os outros. Se tendes uma imagem de um suíço, ou de um inglês, ou de um francês, essas imagens não apenas distorcem a nossa observação da humanidade, mas elas também não separam? E portanto, onde quer que haja separação, divisão, deve haver conflito; assim como existe conflito a acontecer no Oriente Médio – o árabe contra o israelita, o muçulmano contra o hindu, o cristão contra todo o resto do mundo. É possível não criar absolutamente uma imagem? Compreendeis? Ou seja, não registar um incidente, que pode ser agradável ou doloroso, naquele relacionamento específico, não registar, quer o insulto ou a lisonja, quer o incentivo ou o desencorajamento – entendeis, tudo isto acontece no nosso relacionamento diário – é possível, não registar absolutamente? Estamos a encontrar-nos? Porque se o cérebro regista constantemente tudo o que, com ele, está a acontecer, psicologicamente, então o cérebro nunca está livre para estar quieto, nunca pode ficar tranquilo, pacífico. Se a maquinaria opera o tempo todo, ela desgasta-se – o que é óbvio. E é isto que acontece no nosso relacionamento uns com os outros. É possível não criar uma imagem sobre o outro? Porque essa imagem, a lembrança das coisas passadas, que é a imagem, divide as pessoas. Não é apenas a imagem, mas também se sou ambicioso, competitivo, tentando tornar-me o chefe executivo ou, psicologicamente, alguma coisa ou outra, e a minha esposa também está igualmente a fazer algo noutras direções, como podemos ter um relacionamento? Entendeis a minha pergunta? Aparentemente, muitos poucos de nós são livres de qualquer tipo de imagem. A liberdade da imagem é a liberdade real. Certo? Porque então, nessa liberdade não há divisão gerada por imagens.

*O amor no relacionamento é um processo purificador. Ele revela as formas do ego.
Sem esta revelação, o relacionamento tem um pequeno significado.*

J. Krishnamurti

O ESPELHO DO RELACIONAMENTO

J. KRISHNAMURTI

VIDEO 7 DE 12 DA SÉRIE *ALÉM DO MITO E DA TRADIÇÃO* / PRODUÇÃO DE EVELYN BLAU / DIREÇÃO E EDIÇÃO DE MICHAEL MENDIZZA
FUNDAÇÃO KRISHNAMURTI DA AMÉRICA

TRANSFORMAÇÃO DO HOMEM

1974 BROCKHOOD PARK / INGLATERRA

KRISHNAMURTI (K) / DAVID BOHM (DB) / DAVID SHAINBERG (DS)

DS: Sois meu pai e, observando-vos, entendo que, se eu for esperto, ireis gostar de mim.

DB: A criança da qual falais depende da imagem de que seu pai a ama.

DS: Está certo.

DB: E portanto, tudo se quebra quando o pai não a ama, tudo se foi. Certo?

DS: Certo, certo.

DB: E, portanto, a criança fica magoada.

DS: Está certo.

K: Impondes uma imagem à criança? Tendeis a fazê-lo, pois tendes uma imagem.

DS: Trabalhais nisso, e a criança aceita, ou não aceita.

K: Não, não. Porque tendes uma imagem de vós mesmo, tendeis a criar uma imagem na criança.

DS: Está certo.

K: Estais acompanhando? Descobristes?

DS: Sim.

DB: Se o estado permanente de construção de uma imagem não ocorresse, então não haveria base, ou estrutura para a criança ser magoada. Noutras palavras, a dor é devida inteiramente a algum fator psicológico, algum pensamento que atribuo a mim mesmo: “estou a sofrer desta dor.” Enquanto, anteriormente, eu estava a tirar partido do prazer de dizer: “o meu pai me ama, estou a fazer o que ele quer.” E agora vem a dor: “não estou a fazer o que ele quer, e ele não me ama.”

DS: Assim, se fordes desta forma, estou convosco, se não fordes desta forma...

K: Mas vede, a sociedade está a fazer isto com todo o ser humano. A igreja está a fazer isto, as igrejas, a religião, a política, a cultura, tudo ao nosso redor está a criar esta imagem. Sou um católico, sou um protestante, sou um hindu, sou um monge zen, sou isto, sou aquilo – são todas imagens.

DS: Certo.

K: Se há uma imagem deste género, como se pode ter amor em tudo isto?

DS: Não temos abundância deste amor.

K: Não temos!

DS: Está certo.

DB: Suponde que o pai e a criança têm imagens um do outro, o relacionamento é regido por essas imagens. Agora, a questão é se isto é, de facto, um relacionamento ou não, ou se é algum género de fantasia de relacionamento.

K: Enquanto se tem uma imagem sobre si mesmo, não se tem nenhum relacionamento com o outro.

DS: Tudo o que conhecemos, de uma forma ou de outra, são imagens e construção de imagens, e pensamento – isto é tudo o que conhecemos.

K: Mas nunca dissemos: isto pode parar?

DS: Nunca dissemos: isto pode parar? Está certo.

K: Nunca dissemos: pelo amor de Deus, se isto não parar, vamos destruir-nos uns aos outros. O árabe tem a sua imagem, o judeu, o hindu, o muçulmano, o cristão, o comunista, é esta a tremenda divisão de imagens, símbolos, e tudo o mais. Se isto não parar, tereis um mundo caótico.

DS: Como pode tudo isto parar?

K: Não ‘como’. Então entraís na questão do sistema, do processo mecânico – que é parte da nossa construção de imagens. Se eu vos disser ‘como’, então, “diga-me o sistema, o método, a prática, farei isso todos os dias e conseguirei a nova imagem.”

DS: Sim.

K: Ora, eu vejo o facto que está a ocorrer no mundo.

DS: Entendi. Estou consigo, sim.

K: ‘Facto’. Não as minhas reações, não as minhas teorias românticas, caprichosas, nem o que ‘deveria ser’. É um facto que enquanto existirem imagens não haverá paz no mundo, não haverá amor no mundo, seja a imagem cristã, ou o Buda, ou o muçulmano, não haverá paz no mundo. Vejo-o como um facto! Certo? Fico com esse facto.

O ESPELHO DO RELACIONAMENTO

J. KRISHNAMURTI

VIDEO 7 DE 12 DA SÉRIE *ALÉM DO MITO E DA TRADIÇÃO* / PRODUÇÃO DE EVELYN BLAU / DIREÇÃO E EDIÇÃO DE MICHAEL MENDIZZA
FUNDAÇÃO KRISHNAMURTI DA AMÉRICA

Pode haver amor, no sentido real da palavra, quando o relacionamento é meramente conceptual, imaginativo, não factual? Só pode haver relacionamento quando aceitamos o que é, não o que deveria ser.

J. Krishnamurti

ANDERSON SERIES

1974 SAN DIEGO / CALIFORNIA

KRISHNAMURTI (K) / ALAN W. ANDERSON (A)

K: Tive uma experiência ontem, a qual deixou uma marca. Isto é conhecimento e, com este conhecimento, eu encontro a próxima experiência. A próxima experiência é traduzida em termos da experiência velha e, portanto, uma tal experiência nunca é nova.

A: Estais a afirmar que a experiência que tive ontem, de que me recordo... a recordação do meu encontro com algo novo, que parece ter alguma relação com isto. A minha abordagem tem como base a manutenção do meu conhecimento prévio, como um espelho no qual determino a natureza desta nova coisa que eu confrontei.

K: Exato, exato.

A: Sim. E este poderia ser um espelho um tanto louco.

K: Geralmente é. Assim, percebeis, é isto que quero dizer: onde se encontra a liberdade em relação ao conhecimento? Ou a liberdade é algo para além da continuidade do conhecimento?

A: Deve ser algo diferente.

K: O que significa – se se entrasse nisto muito, muito profundamente – o que significa o fim do conhecimento.

A: Sim.

K: E o que significa isto? O que significa terminar o conhecimento? Sendo que vivi inteiramente no conhecimento. Considerai este fato muito simples: vós me insultais, ou me elogiáis, o que permanece como conhecimento. Com esta imagem, com este conhecimento, eu o encontro. Nunca o encontro, é a imagem que o encontra.

A: Exatamente.

K: Portanto não há relacionamento entre nós.

A: Sim, porque aquilo foi interposto entre nós.

K: Obviamente.

A: Sim.

K: Portanto, como pode terminar essa imagem, nunca registar?

A: Não posso depender de outra pessoa para terminar com isso.

K: Portanto, o que devo fazer? Como pode a mente, que está registando o tempo todo – a função do cérebro é registar, o tempo todo – quando me fazeis algum mal, pessoal ou coletivamente, vós me haveis insultado, vós me haveis lisonjeado; como pode o cérebro não registar tudo isso? Se o cérebro regista, o registo já é uma imagem, é uma memória, e o passado encontra então o presente. Assim, que lugar tem o conhecimento no relacionamento humano? – conhecimento no sentido de experiência passada, tradição, imagem.

A: Sim.

K: Que lugar tem o observador – tudo isto é o observador – que lugar tem o observador no relacionamento humano? Tem o observador afinal algum lugar no relacionamento? Eu digo que não. No momento em que ele vem à existência no relacionamento, não há relacionamento.

A: O relacionamento não é.

K: Não é – está certo.

A: Não é algo que está em não-relacionamento. Estamos discutindo algo que, de facto, nem mesmo existe.

K: Esta divisão é o factor da violência e ódio reais.

O ESPELHO DO RELACIONAMENTO

J. KRISHNAMURTI

VIDEO 7 DE 12 DA SÉRIE *ALÉM DO MITO E DA TRADIÇÃO* / PRODUÇÃO DE EVELYN BLAU / DIREÇÃO E EDIÇÃO DE MICHAEL MENDIZZA
FUNDAÇÃO KRISHNAMURTI DA AMÉRICA

***O relacionamento está sempre no momento presente, não no passado morto da memória, no passado morto de lembranças de prazer e de dor.
O relacionamento é ativo agora; estar em relação significa apenas isto.***

J. Krishnamurti

1984 OJAI / CALIFORNIA
PERGUNTAS E RESPOSTAS / SEGUNDA SESSÃO

K: Segurança significa permanência, e existe algo permanente na vida? Assim, buscamos a segurança e a permanência, no relacionamento. Este próprio conceito – escutai isto por um minuto, por favor – este próprio conceito de requerer segurança e permanência é traduzido como apego. Então, existe um profundo apego ao outro. Pode ser por um mês, por uma semana, ou cinquenta anos. E, durante o estado de apego, existe todo o conflito do ciúme, da desconfiança, do medo, do ganho e da perda – conheceis tudo isto, não? Suponde que o orador, ou vós, não tenha este sentido de segurança e de permanência, o qual nada significa, então o que é o relacionamento? Entendeis? Permanência e apego, com toda a sua dor e todo o seu prazer, ansiedade, medo, não são amor. Na ausência de tudo isto – total, íntima, profundamente – o outro é como uma flor a desabrochar.

***Amor não é pensamento. Amor não é desejo. Amor não é prazer. Amor não é o movimento de imagens.
Enquanto tiverdes imagens sobre o outro, não há amor.***

J. Krishnamurti

1983 OJAI / CALIFORNIA
PRIMEIRA PALESTRA PÚBLICA

K: Podeis segurar a mão do outro, abraçar o outro, caminhar juntos, mas internamente estais separado do outro. É um facto. Encarai-o. E, desta forma, existe conflito perpétuo entre os dois. E é possível viver em relacionamento com o outro, sem conflito? O nosso relacionamento é baseado na memória? Se o nosso relacionamento é recordação, se é um conjunto de imagens várias, então, tudo isto é produto do pensamento. Então, alguém pergunta: pensamento é amor? Por favor, fazei esta pergunta a vós mesmos, não porque vos estou induzindo a fazê-lo. Pode existir paz entre os seres humanos – seja qual for a cor, a raça, a língua, a chamada cultura? E para encontrar essa paz, deve existir paz entre vós e o outro, entre vós, a vossa esposa, os vossos filhos. Entendeis? Pode haver paz? – o que significa ausência de conflito. Onde não há conflito, há algo muito maior do que a atividade do pensamento.